

EDITAR A VIDA: PRODUÇÕES DE SI EM CRÔNICAS DE EX-ALUNAS

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade¹

No ano de 1988 foi dado o pontapé inicial para as comemorações do centenário do Colégio Coração de Jesus, escola localizada no centro da cidade de Florianópolis. Esta instituição de ensino foi responsável pela formação de boa parte dos filhos das classes mais abastadas florianopolitanas, e em seus cem anos de prestação de serviços, mostrou sua forte relação com a cidade de Florianópolis, acreditando na sua *tradição* em educar seus cidadãos. Assim, ao abrir a década reservada às comemorações do centenário, esta escola enfocou as memórias e a necessidade de construção de uma imagem da escola, a ser feita através de variados suportes: na edição de livros, na promoção de discursos de políticos e ilustres da cidade, ou mesmo na publicação de colunas de jornal referentes ao Colégio. Em 1988 o enfoque foi a memória. Assim sendo, a escola preparou espaços museais, livro comemorativo, além de chamar vozes autorizadas – como políticos e ex-alunas – para escreverem sobre a escola.

O que pretendo aqui é perceber de que forma a memória da escola foi construída para a cidade, ou seja, de que forma a história da instituição foi transmitida, agregando valor positivo ao Colégio, fazendo deste uma notável entidade a ser conagrada nos seus cem anos de história e prestação de serviços à comunidade florianopolitana. Estar localizada, por mais de um século, na área central da cidade, fez com que esta instituição agregasse valor positivo e distintivo perante a cidade de Florianópolis, em virtude de o centro ter sido o espaço da cidade destinado às classes médias e altas, especialmente nos arredores do Colégio Coração de Jesus e este, portanto, acolheu em seus bancos escolares filhos e filhas de uma elite local.

Para Pierre Nora (1993) as comemorações – tais como as ocorridas em virtude do aniversário da instituição – são consideradas *lugares de memória*:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina, com o projeto: “O Maior Reencontro da Cidade”: Comemorações públicas e Instituição privada em Florianópolis (1988 a 1998).

manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.(NORA, 1993:13)

Assim, segundo este autor, é preciso comemorar para não cair no esquecimento. É preciso escrever e deixar rastros para que a – invenção – da história da escola não seja apagada, e é igualmente necessário ativar memórias pessoais, registrá-las para que aqueles momentos de juventude sejam eternizados em forma de escrita – e é sobre este suporte que este artigo pretende debruçar-se.

Em virtude do aniversário de 90 anos da instituição, o jornal catarinense O Estado² publicou um informe especial dedicado à escola. Nele mistura-se a história oficial do Colégio Coração de Jesus, e propagandas em forma de colunas – ora mostrando a modernização no ensino pela sala de vídeo, ora pela sala de informática, além dos hinos da escola e fotografias – ali dispostas para contar “a história através de imagens”.

Em forma de recordações de juventude, crônicas de ex-alunas mostrando sua visão acerca da instituição serão analisadas no presente artigo, a fim de perceber de que forma tais “produções de si” auxiliaram na construção de identidades – tanto da escola com a cidade, como das autoras (ou editoras) com sua geração.

Evidenciando estas memórias, esta entidade conseguiu arregimentar um grande número de ex-alunas e ex-alunos, tendo em vista que a memória é capaz de reunir e de construir identidades, ou como aborda Albuquerque, fala-se aqui em memória afetiva, pois “está ligada à forma de sensibilidade social a que está preso o indivíduo” (ALBUQUERQUE, 2007:203), surgindo das emoções que depositamos em cada recordação. Trabalhando as identidades através de memórias, a escola conseguiu êxito na confecção das festas, justamente porque trouxe à tona o nível afetivo das memórias. Lembrar da escola que estudou e poder se fazer pertencer, mesmo que tempos depois, àquela distinção social que o Coração de Jesus foi capaz de proporcionar.

² O Jornal O Estado circulou até a primeira década dos anos 2000, e figurou, até então, como um dos principais jornais catarinenses, sendo um dos de maior circulação, especialmente na cidade de Florianópolis.

Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes (2004: 9) os estudos acerca das produções de si e dos vestígios de foro íntimo vêm aumentando no círculo acadêmico, haja vista que temos hoje um

novo espaço de investigação histórica – aquele do privado, de onde deriva a presença das mulheres e dos chamados homens ‘comuns’ – e os novos objetos, metodologias e fontes que se descortinam diante dele. É justamente nesse espaço privado, que de forma alguma elimina o público, que avultam em importância as práticas de uma escrita de si.

Tais crônicas apresentam momentos de vida, tendo como pano de fundo as experiências vivenciadas no Colégio Coração de Jesus ou em torno dele. Estes pedaços de juventude foram construídos em forma de texto e apresentados aos leitores da sociedade, no anseio de demonstrar pertencimento a um grupo social e também de construir uma imagem da escola – sempre relacionada à boa formação, à tradição em educar e à identidade florianopolitana que esta escola demonstra ter.

“Desde os seis anos de idade fui aluna das Irmãs da Divina Providência. Uma herança a mais, inesgotável, que recebi de minha mãe e de minha avó materna.”³ Aqui o que se percebe é a referência a uma vida dentro da escola – e esta figurando como central na educação das mulheres catarinenses das classes mais abastadas da sociedade. A autora (ou editora) sente-se confortável em se fazer pertencer a este ciclo, e constrói-se a partir do que escolhe contar aos leitores: sua herança educacional, por parte de mãe e avó.

As lembranças de juventude aparecem nos textos de forma doce e nostálgica: “Também eram enormes o portão e a escadaria que atravessava o jardim, entre zínias, targetes e margaridas, em seus últimos coloridos de fim de verão.”⁴, ou “A chácara era linda, com curvas suaves, cheia de plantas sempre floridas.”⁵, ou ainda “E a sorveteria,

³ Crônica de Maria Olympia da Silveira Ferreira no Jornal O Estado de 11 de junho de 1988 p. 21, caderno Informe Especial, encontrado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁴ IDEM

⁵ Crônica de Almira publicada no Jornal O Estado de 11 de junho de 1988 p. 21, caderno Informe Especial, encontrado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

jamais vou esquecer o sabor do picolé de groselha. Nunca mais senti aquele gostinho.”⁶. O que se percebe nestas crônicas é a presença da vida das ex-alunas, construídas nas poucas linhas do jornal, evidenciando a escola da infância/juventude por seus 90 anos, e conseqüentemente, o que esta instituição significou para a formação – educacional e de caráter – das alunas ali, dispostas a cruzar suas histórias pessoais com a história da escola que se buscou construir.

Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas. (GOMES, 2004: 11)

O que se pode perceber nestes escritos é a produção de sentidos para momentos vividos na juventude, que são trazidos à tona na forma de boas lembranças, doces e leves. Deixa-se de lado os maus momentos, ou melhor, editam-se as lembranças.

Tenta-se, nesta modalidade de escrita de si, demonstrar uma linearidade da vida, uma estabilidade; mostra-se um modelo a ser seguido: ex-aluna da escola, bem estabelecida profissionalmente, mãe dedicada e boa amiga, que mantém ainda suas ex-colegas de infância no seu círculo social. Consideramos hoje as fragmentações do indivíduo, acreditando não ser ele um ser fechado, unilateral e homogêneo. No prólogo de seu livro *Escrita de si, escrita da história*, Ângela de Castro Gomes (2004: 13) aborda este aspecto das produções de si:

É exatamente porque o “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa permanência e estabilidade através do tempo.

Assim, as crônicas das ex-alunas do Colégio Coração de Jesus demonstram aos leitores vidas exemplares. Maria Olympia da Silveira Ferreira inicia seu texto já demonstrando seu percurso de vida:

⁶ Crônica de Silvana Ramos Mello publicada no jornal O Estado de 11 de junho de 1988 p. 21, caderno Informe Especial, encontrado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Este artigo se deve à gentileza e à honra que me fizeram minhas colegas do Colégio Coração de Jesus. Nele fiz meus estudos secundários e os de Curso Normal. Nele ensinei. Para ele trabalhei no Rio de Janeiro, logo após deixá-lo como professora, representando-o no Ministério da Educação para obter registro de suas novas professoras e de seus novos cursos.⁷

Estas crônicas nos dão suporte para pensarmos nas construções de imagens esperadas que estas ex-alunas procuraram publicizar. A partir da organização linear dos textos, dispõem-se momentos da vida escolar que são mostrados ao leitor através de suas doces lembranças, recortadas e arrumadas pelo escritor, por aquele que está dispondo estes pequenos momentos de sua vida privada ao público leitor do jornal, ou como aborda Philippe Artières (1998: 21): “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros.”

Neste sentido, Gomes (2004: 16) entende que se deve considerar a pessoa que escreve as crônicas também como editoras. As ex-alunas, neste caso específico estão praticando a atividade de editar sua vida, capturar pequenos momentos da vida escolar, escolhendo-os e expondo-os aos leitores do jornal: “É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto”.

Os textos das ex-alunas dizem respeito às suas vidas na escola tendo o Colégio Coração de Jesus como centro das narrativas. Estudar nele, para as meninas florianopolitanas⁸, foi durante bastante tempo sinônimo de prestígio, haja vista que esta instituição sempre foi de caráter privado, abarcando as classes médias e altas urbanas. Tendo isto em vista, fica evidente nas narrativas das ex-alunas a necessidade de se fazer pertencer ao mundo deste colégio, e todos os significados que a instituição carregou consigo.

Trazer à tona memórias escolares e reorganizá-las, ou revisitá-las, ajudou a instituição a contar uma história para a cidade; uma história tida como *tradicional*. Assim, utiliza-se de recursos da memória, a fim de conseguir o “aval” dos variados

⁷ Jornal O Estado de 11 de junho de 1988 p. 21, caderno Informe Especial.

⁸ Até 1971 a escola abrigava em seu grupo de alunas apenas mulheres.

setores da sociedade para transitar e se lançar ao público. Esta construção de uma *tradição em educar*, e mais especificamente, em educar florianopolitanos, ajudou a escola a afetar parcelas da população da cidade, ou seja, a escola buscou na memória, e especialmente nos afetos gerados entre instituição e indivíduo, a licença para produzir estas festas e demarcar espaços.

Nestas crônicas o que se viu foi o compartilhar de memórias coletivas, vinculadas a uma específica instituição de ensino. Independente de terem partilhado as mesmas experiências, num mesmo tempo, estas ex-alunas se constroem como frutos da escola, e assim, partilham laços comuns, proporcionados pela condição de pertencimento que a escola proporcionou.

Buscar nas memórias individuais a construção de uma representação da escola se mostrou como o propósito destas crônicas. Devemos então dar enfoque às discussões entre memória e história, propostas por Pierre Nora (1993: 9)

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica.

As memórias dessas ex-alunas são carregadas de elos afetivos, sofrendo edições – ou melhor, censuras de si, trazendo em suas escritas apenas o que querem que se torne público. Já a História é responsável pela relativização das fontes – no caso aqui as crônicas – e pela posterior desconstrução das memórias, em prol da construção de uma narrativa historiográfica. Nesta modalidade de narrativa, entra em jogo outro tipo de edição. Escolhem-se as fontes, os excertos de textos, os aportes teóricos, ou seja, tem-se o *saber-fazer* História, pautado em métodos e teorias, definindo assim, a prática do historiador.

Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr.(2007: 61), a História está, pois, a serviço do esquecimento

Damo-nos conta de que a História não está a serviço da memória, de sua salvação, mas está, sim, a serviço do esquecimento. Ela está sempre pronta a desmanchar uma imagem do passado que já tenha sido produzida, institucionalizada, cristalizada. Inventado, a partir do presente, o passado só adquire sentido na relação com este presente que passa, portanto, ele enuncia já a sua morte prematura.

O profissional em História não deve ser um reproduzidor de suas fontes, e faz, portanto, uma desconstrução das imagens antes construídas, desmanchando-as; historicizando-as.

As ex-alunas foram chamadas para escrever sobre suas memórias escolares por serem consideradas vozes autorizadas a criar uma representação da instituição, editando suas lembranças em forma de textos, deixando entrever os predicados da escola, que estas ex-alunas julgavam existir.

Desconstruir as memórias, minuciosamente selecionadas pelas ex-alunas demonstra a violência que a História é capaz de praticar com suas fontes, como aborda Albuquerque Jr. (2007: 206)

(...) a História é também uma violência que se pratica com as armas dos conceitos, do pensamento, da razão. Por mais bem intencionado que o historiador esteja em relação ao buquê de memórias que tenha coletado, ele terá que deflorá-las para poder gestar a História.

O que se pretendeu aqui foi, portanto, historicizar as memórias de um grupo de ex-alunas do Colégio Coração de Jesus, presentes no jornal O Estado, de Santa Catarina. Estas crônicas foram reunidas a fim de homenagear a escola e auxiliar na construção de uma história oficial da escola, que seria fundamental para o acontecimento de festejos públicos, dez anos após esta edição do jornal, quando da comemoração efetiva dos cem anos da instituição. Ler estas vozes autorizadas escrevendo sobre a escola, e sua suposta *tradição em educar*, deu aval para que as festividades acontecessem e mobilizassem parte do centro da cidade, notadamente nos arredores da instituição. Foi preciso, portanto, investir nas memórias inicialmente, pois elas são responsáveis pela coesão do grupo e pelo sentir-se pertencer; são os apelos às memórias que vão mobilizar parcelas da comunidade na participação das festas. Perceber, portanto, a

construção destas narrativas de si, entendendo estas mulheres como editoras de sua vida em forma de crônicas, auxiliam na compreensão historiográfica destes festejos e comemorações.

Deve-se ainda levar em consideração o espaço ocupado no Jornal O Estado. Este jornal, no período, tinha grande circulação na cidade de Florianópolis, onde existe, inclusive, um dito popular que diz: “só é manezinho quem nasceu na Carmela Dutra⁹, tem conta no BESC¹⁰ ou assina o Jornal O Estado.”. Estar presente neste jornal, eternizando sua versão da história através da escrita, significou, para esta escola, um grande trânsito, não só entre os cidadãos leitores do jornal, como também, das diversas esferas da sociedade, responsáveis pelo aval destas festas.

Rastros são deixados para que uma imagem seja construída. O historiador usa destes rastros para problematizar o passado. As produções de si são bastante instigantes pois são resultado de uma seleção. Se há o que deve ser lembrado, há também o que foi esquecido, deixado de lado:

Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. (ARTIÈRES, 1998: 11)

Escrever sobre seus momentos de vida, contar sua história exige do autor/editor um exercício de lembrança e esquecimento. Escolhe-se minuciosamente os detalhes que se tornarão públicos, e censura-se o que deve ser guardado pra si. As crônicas aqui estudadas foram construídas desta maneira, no anseio e na responsabilidade de construir não só uma imagem de si para o público leitor, como também uma versão da História da instituição, a ser congradada por seus noventa anos de prestação de serviços.

⁹ Maternidade localizada no centro de Florianópolis;

¹⁰ Banco do Estado de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de Albuquerque. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de Teoria da História; Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria vida.** Revista de Estudos Históricos. V.11 n. 21. 1998.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de Si, Escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993.